



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR

Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAVALADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

## MENDICIDADE CARIDADE

A mendicidade numa vila ou cidade é um espectáculo deprimente para quem a exerce e para quem a alimenta.

Encontrar a cada passo pelas ruas mendigos andrajosos, estendendo a mão humildemente a suplicar uma moeda, muitas vezes propositadamente esfarrapados e sujos ou exibindo miserias orgânicas, é vergonha e humilhação que se podia evitar.

E quantas vezes as moedas assim concedidas, sem devoção e para se evitar ou desviar importunos, eram muito mais bem empregadas em situações aflitivas de desgraçados que não podem ou não se descaram a correr as ruas na sua colheita lucrativa?!

Cada um exerce a caridade como quer e a caridade é sempre a caridade, a mais sublime virtude cristã.

Mas em lugar de uma pessoa abastada a exercer fazendo juntar duzias de pobres á porta, á espera alguns quartos de hora, para receberem a esmola, resultando juntarem-se muitas creaturas em soalheiro reles, e uma grande parte entregues á ociosidade assim alimentada, ao passo que podiam dedicar-se a algum trabalho, não seria muito melhor que essas pessoas bemfazejas entregassem a verba que a isso destinam a uma corporação beneficente, para se incumbir de averiguar quem merece e precisa da

esmola, levando-lha ou mandando-lha a casa?

Se todas as pessoas que distribuem esmolas a mendigos preferissem entregar a quantia que costumam distribuir ou ainda mais alguma coisa, todas as semanas, á corporação beneficente, esta podia fazer um recenseamento dos que realmente não podem trabalhar e precisam, e podia distribuir socorros muito justos e bem merecidos.

Muitos que estão vivendo da mendicidade, roubando a esmola a quem dela carece, iriam para o trabalho, seriam ainda uteis na sociedade e ganhariam honradamente a sua vida, deixando-se da ociosidade, que é má conselheira.

E os desgraçados que tem juz á caridade veriam aumentar o seu obulo, desde que se retirasse aos que dele não precisam.

Demais, reduzia-se ou acabava-se, como já se conseguiu em centros civilizados, o triste espectáculo da mendicidade a enxamear as ruas e praças publicas, cohibia-se muito furto sob a capa de mendigo, e até se elevava a dignidade humana, porque os socorridos recebiam sem pedir e a sociedade nobilitava-se acudindo ao seu semelhante sem esperar que ele se humilhasse a pedir-lhe.

Acabe-se com a mendicidade e afervore-se a caridade cristã.

Assim se dignificará, se humanizará a nossa sociedade.

sete anos; o pae que o deixára órfão aos quinze, e os avós, santos velhinhos, que apenas sobreviveram escassos mezes... Essa noite lúgubre e triste de 1 de novembro avivou-lhe a memória, rememorou-lhe episódios da infância, casos ocorridos por essa vida fóra, té aqueles trinta anos de atribulada existência.

Quanto tempo esteve êle imerso em seus pensamentos? Nem êle o sabia. Sentado agora, os cotovelos apoiados sobre a mesa, e o mento entre as palmas, fitava vagamente a estante pejada de livros com o pensamento a divagar pelo Passado...

De longe, tornejando os montes, ecoando em sonoridades cavas pelas quebradas e pelos vales o triste toque dos sinos tornava a noite mais tétrica. E nos seus ouvidos esse *Miserere* dos campanários tinha a estranha sonância duma marcha fúnebre, executada por defuntos, e levando á frente Mozart marcando os compassos do seu *Requiem*. Logo atraz Liszt, correndo os dedos ágeis no teclado dum carrilhão formidável, enchia o espaço de notas tristes, de tristes harmonias, ao som das quais as Willis boêmias dançavam o seu castigo perpétuo...

Depois outra nuvem de brancos espectros passou na sua mente febril. Era agora Bach espalhando as melodias patéticas das suas *Missas* e *Oratórios*, tendo como acólitos Beethoven, Wagner e Meyerbeer, com uma multidão de outros musicos modestos, formando cauda.

E agradava-lhe toda essa música triste, porque a Dor e a Tristeza lhe eram já em excesso familiares.

\*  
\*  
\*

Deixara quase de chover. Os sinos, por momentos imudeceram e só ao longe parecia que uma sineta dobrava ainda. Da janela aberta Eduardo contemplava agora o ceu carregado de nuvens escuras:—Era a Natureza a associar-se á Dor do Homem, envergando a sua capa de luto! O beiral do telhado estilizava gotas compassadas. Ali perto pressentia-se uma massa negra rumorejando: eram as arvores dos campos proximos e os pinheiros e os eucalitos das tomadias d'alem. Ao longe, para lá do monte, o ressoo formidável do mar, casava-se estranhamente com o dobre a finados num campanário longínquo e o rumorejo do arvoredo, sacudido agora por uma rajada do sudoeste.

E o grito, ao longe, nos confins da aldeia? O grito? O espirito de Eduardo preocupava-se ainda com isso, quando súbito, ali mesmo, no largo da aldeia, soou uma campainha. Estremeceu de pavor! Donde vinha tal som? Quem era o estranho campanulario que a horas mortas perturbava o silêncio da aldeia? Algum doído? Mas logo uma voz lúgubre, uma voz que parecia vir do outro mundo, gemeu numa toada tristonha, prolongada e arrastada:

Alerta, alerta!  
A vida é curta,  
A morte é certa!

Não se presentiu uma folha a mover-se, não ranguu um sapato nem trabucou um tamanca nas soltas pedras do caminho! Sonharia ele? Que era então aquilo? Ao longe os sinos recommearam dobrando, agora num campanário, logo noutro... Soava ainda o mar. Ventava com menos violência.

Não tinha ainda tempo para reflectir quando outra voz esmorida, num lamuriento tom de mendigo, suplicou:

—«Lembrai-vos das benditas almas que penam no fogo do Purgatório!»

E logo a voz lúgubre do que gritara o *Alerta*, pediu dolente:

—«Resai por elas!»

E tudo silenciou como por encanto. Nem o vento zunia, nem ressoava o mar, nem os sinos dobravam...

*Fiat lux!* Mas de súbito fez-se luz no seu espirito. A tranquilidade voltou. De novo nos seus ouvidos ecoaram os ultimos gemidos do bronze; de novo ouviu o ressoo do mar e o zunir do vento. Eduardo lembrava-se: eram os pregoeiros das Almas—uns penitentes que na noite de finados, percorrem a aldeia incognitos, descalços, com a campainha da Confraria badalando nas encruzilhadas, para acordar os vivos e recordar os mortos...

Quando criança ouvira apavorado, no serão á lareira, falar dos que apregoavam as Almas. Contaram que eram homens envolvidos em lençoes, com uma corda á cinta—fantasmas que vagueavam pelos caminhos desertos, á meia noite, campainhando, gritando *álerta* e pedindo padre-nossos pelas Almas...

E á memória aflorou-lhe, um pouco diluido nas sombras do passado, um caso ocorrido na mocidade de seu avô e que ele contára numa noite de finados, ha mais de vinte anos.

Isso foi ha bons sessenta, puxadinhos. Nesse tempo não se erguia ainda a bandeira da confraria das Almas, e, por isso, a noite era povoada de espectros, de duendes e de fantasmas de toda a sorte... Os espiritos dos mortos pairavam sobre a terra em silenciosas e apavorantes procissões de defuntos. Em sua sabedoria a filosofia popular dizia, num rifão, que desde o toque de trindades ás Ave-marias, a noite era

para os mortos passear,  
e os vivos descançar.

Agora não. Des que se erigiram por todas essas terras de Cristo as confrarias, as almas penadas descançavam no outro mundo, em suaves colóquios com os santos e as almas boas dos justos que não penavam pela terra em noites de tempestade pavorosa, a sua agonia indizível...

O caso que contou o avô de Eduardo passou-se na encruzilhada dos Caminhos Fundos—um sítio ermo e sombrio, á beira do monte—onde numa manhã de 2 de novembro desse ano remoto, apparecera morto o filho único do ti'João de Lisboa—um moço robusto e sadio como um touro barrozo. Vinha da seroada de casa daquela que dentro de oito dias seria sua noiva, e passava ali com o credo na boca receoso que a procissão dos defuntos o *assombrasse*, no caso de lhe passar á direita, ou as feiticieras lhe *baralhassem* o juizo com visões infernais, ou lhe trocassem os caminhos com enganosas negaças.

De repente, quase á beira dele, soou uma campainha: Estremeceu de pavor!—e o pavor aumentou ao enxergar a curtos passos um fantasma branco de elevada corpulência que se aproximava silencioso e parecia não tocar com os pés no chão...

Eriçaram-se-lhe os cabelos, e de susto o coração parou. O pobre moço baqueou no chão charquento dos Caminhos Fundos e morreu *assombrado* pela abantesma branca e silenciosa...

Na manhã seguinte, ao dealbar, um pastor que guiava o gado para o monte, fugiu espavorido ao deparar com dois homens esti-

## LITERATURA

### O Pregão das Almas

A Antonio Corrêa d'Oliveira.

Alerta, alerta!  
A vida é curta,  
A morte é certa!

Entre duas rajadas gementes do vento sul, que impelia contra as vidraças grossas cordas de água, ouviu-se um grito, ao longe, nos confins da aldeia. Era quase meia noite e os sinos dobravam a finados, comemorando o dia de Fieis defuntos.

Donde partira esse grito? Quem fóra a alma aflita que o soltára?—Estas perguntas fazia-as a si mesmo Eduardo, passeando no quarto, com as mãos friorentas nos bolsos do jaquetão.—Grito de socorro? Quem sabe? Lá baixo a estrada é erma, zig-zagueia

por entre sombrias bouças de pinheiros. Por mais que uma vez os ladrões ali saíram a incautos viajantes. E aquela cruz negra junto ás *Alminhas da Reguenga* comemora um assassínio cruel—o esquartejamento dum homem por uma malta de ladrões, numa noite como esta, ha-de haver vinte anos feitos...

E Eduardo, alma sempre generosa, formou tenções de ir por'í fóra prestar socorro, na ancia febril de ser util. Abriu uma frincha da vidraça. O ceu, duma negridão lúgubre, continuava a peneirar sobre a terra uma chuva glacial e abundante. Nas asas da ventania veio mais distinto o sonoro tanger dos sinos, por essas aldeias alem, numa mistura de sons que se casavam tristemente com o zunir do vento e o glu-glu das enxurradas, que desciam do monte.

Eduardo impressionou-se muito com o toque gemente do bronze e sentiu-se invadido por uma tristeza avassaladora. Lembrou-se então com pungente saudade dos seus mortos queridos:—a mãe que perdera logo aos

rados no chão — um envolto numa mortalha branca e outro vestido com roupa de grosseira serguita da terra. Ao chamo do pastor acudiu gente. Suprema tragédia!

O da mortalha branca era o ti' João Lisboa — nesse ano pregoeiro das Almas que, ao reconhecer-se assassino involuntário do filho, caiu por terra sem sentidos e quase morria de Dor...

Anos depois morto já o desventurado pae, alguém ouviu nos Caminhos Fundos uma alma penada que dizia em vós esmorida:

— «Ai! não posso entrar no ceu porque matei um filho!...»

Manuel Boaventura.

(Excerto dum livro inédito).



## Predicados das abelhas

O exágono regular, diz um escritor, é a forma que se deve preferir para a divisão de uma qualquer superfície em pequenos espaços regulares, sem perder pedacinho algum da mesma superfície.

Reaumur pediu a um jeómetra para calcular os angulos de uma célula hexagonal de forma piramidal a fim de na respectiva construção empregar a menor quantidade possível de materiaes.

A solução foi a seguinte: 109.º e 70.º. Pois são ezatamente esses os angulos que as abelhas empregam na construção das suas células.

Outra prova de sagacidade fornecida pelo pequeno inseto.

Sucede ás vezes serem os cortiços invadidos por bichos estranhos, pequenos ratos, borboletas, bezouros, etc.

As abelhas dão-se pressa em matar esses intruzos, e se não podem arrastar para o exterior os respétivos cadáveres, o que imaginam os leitores que elas fazem, para que a decomposição não prejudique a higiene do cortiço?

Colrem inteiramente esses eadáveres com uma substancia rezinoza que vão buscar ás arvores e arrumam-nos onde façam menos estorvo.

«Quando se estudam os seus costumes, (disse um escritor), a sua organização intima e politica, fica-se verdadeiramente asombrado.

«Encontram-se ali plenamente rezolvidos pelo instinto muitos dos problemas propostos á nossa intelligencia e que ameaçam ficar eternamente á espera de solução adequada.»

E' por isso que nos nunca nos cançamos de afirmar que se o homem «natural» é um ente acima de todo o elojio pelas suas perfeitissimas faculdades, o homem «socializado» se inferioriza tanto sob o ponto de vista do caráter que até dos animaes inferiores tem muito que aprender.

Muito, e cada vez mais...

Luíz Leitão.



## O Orfeon do Porto

Às Damas de Barcelos

Na música — sem dúvida a mais alta manifestação da Arte ha o encanto, a atração, que, irresistivelmente, arrasta ao desejo do Belo e á pratica do Bem.

A musica orfeónica, transmitindo esse encanto, quando bem difundida num paiz e bem executada, serve o fim patriótico de educar e disciplinar e unificar e formar a vontade dum povo, fortalecendo-lhe a fé, rindo nas suas alegrias, chorando nas suas tristezas, erguendo hinos ás suas glorias, hossanas ás suas virtudes, encheúdo, emfim, de harmonias uma patria de amor, gloria e nobreza.

Não basta olhar, minhas senhoras, o Orfeon do Porto, como o centro onde uma parte da mocidade da segunda cidade do paiz se diverte a seu modo; é preciso vel-o na missão altruista e patriótica que teve inicio em João Arroio e Antonio Joice, de espalhar em Portugal o culto á Arte, transmitindo ao nosso povo uma musica acessivel, sagrada na inspiração dos Grandes Mestres e no sentimento espontaneo da Alma Nacional.

Por isso, ao dedicar o Orfeon do Porto a sua festa ás Damas de Barcelos, quiz demonstrar que, sendo elas, como mulheres portuguezas, as principais inspiradoras deste extranho sentimento romantico que faz de Portugal um paiz de apaixonados e de cantores, justo era que fosse para V. Ex.<sup>as</sup> as suas primeiras homenagens.

E foi tão nobre, tão fidalgo, tão generoso o acolhimento que V. Ex.<sup>as</sup> se dignaram dispensar á nossa festa, iluminando o teatro Gil Vicente com a luz da mais graciosa beleza, com o mais encantador dos sorrisos, dando-nos no calor de benevolentes aplausos, o orgulho de sermos compreendidos por V. Ex.<sup>as</sup> na obra que vimos realizando, que desejariamos ainda sermos ouvidos, nesta hora em que saudosamente nos apartamos de Barcelos, no hino de amor e reconhecimento que vibra nos nossos corações eternamente agradecidos.

As flores que em petalas, sobre nós caíram, talvez não as merecessemos — as mulheres são sempre tão gentis!

Mas queremos merecel-as um dia: as mãos finas que as lançaram indicaram-nos bem o nosso dever.

Cantaremos ainda mais! As nossas canções seguir-se-hão outras canções ainda. E nessa onda de harmonia, lembrem-se V. Ex.<sup>as</sup> sempre, as notas mais sentidas serão para V. Ex.<sup>as</sup> a quem beijamos respeitosa e profundamente como-vimos, profundamente enamorados.

Acitem, pois, V. Ex.<sup>as</sup> o preito das nossas homenagens, a que tenho a honra de juntar, pessoalmente se m'o permitem, a expressão sincera da minha mais alta consideração.

Antonio Guedes da Silva Rosas

«presidente do Orfeon do Porto»



## CRITICA BARATA

E' apenas pela boa afinação, pela boa ou má harmonia chegada aos meus orgãos auditivos, que eu aprecio a musica.

Quanto á interpretação das *cacheiras* e sua forma de execução, sou, nesta arte, como muito infeliz mortal, uma perfeita *bota*, apesar de nascido e creado na terra de *muito bom musico*.

Recordo-me de que no tempo em que o meu bom amigo Domingos Carreira regia com paciencia o Grupo Musical Gil Vicente, *arranhava* eu num bandolim, muito a medo e cheio de incertezas, algumas minimas e seminimas que, em cedendo o logar ás *colcheias* e *semicolcheias*, me deixavam como desorientado em vasto deserto.

Valia-me então do ouvido, e assim ia seguindo aos tropeções, encoberto pelos que mais sabiam, que me abafavam a desafinação. Já vêem pois o que eu poderei saber de musica e a autoridade que terei para poder criticar.

Não obstante tudo isto, sempre direi que da audição do Orfeon do Porto que aqui esteve no ultimo domingo, me ficaram boas impressões e que com os meus recursos superficiaes o achei muito correcto e afinado se bem que não me satisfizesse.

Acho mais belos, mais harmonicos, mais sentimentais, os orfeons campestres de vozes argentinas e frescas das nossas sadias raparigas aldeãs.

Ai, quanto é belo ouvir esses grupos femininos, de mãos dadas, numa solidariedade irmã, que em manhãs de primavera veem fazer romeiros ao Senhor da Cruz!

Como são encantadores esses coros minhotos dos serões, das esfolhadas, das espadeladas, essas toadas ritmicas que se prolongam e repercutem, no silencio da noite, nas quebradas dos outeiros, e chegam dolentes até ás freguezias visinhas!

Não ha scenarios de papel pintado nem luz electrica a dar-lhe artificiosos efeitos.

Ha o recorte escuro dos pinheirais proximos no fundo anilado do ceu, e a suave claridade da lua a desenhar silhuetas extravagantes nos campos floridos e nas paredes caiadas dos casais.

Não ha regentes em bracejos ridiculos e esgares de dementados, mas uma voz grave e sã que principia, para logo muitas se lhe ajuntarem numa esplendida combinação de sons em que o nosso espirito vibra, se encanta e empolga no mais terno e suave sentimento.

Sim. Dou mais apreço aos orfeons dos meus campos do minho. Nasci embalado por eles. Oxalá possa morrer a ouvil-os, a escutar a sua musica suavissima.

Claro está que não sabem essas ignorantes creaturas o que seja um *Dó*, um *Ré* ou um *Mi*. Nunca ouviram falar de Verdi de Wagner ou de Puccini, mas sabem tambem, pelo dom natural do seu ouvido, combinar sons, formar duetos, subir ou baixar oitavas.

Que melhor espectáculo, que mais deslumbrante scenario querem os barcelenses, os que comigo vivem neste recanto do Minho e como eu conhecem os seus costumes, que esses do voltar da saccha dos milhos, quando grupos de mulheres, ao toque de trindades, sachola ao ombro, caminham estrada em fóra formando côros harmoniosamente belos, enquanto o sol franja de purpura os longos horizontes do poente?

Que formosos orfeons, que fantasticos scenarios se não gosam no imenso teatro da natureza, sem tantos riscos de nos constiparmos, e sem a maluquice do jogo das serpentinas a proporcionar-nos um ambiente poeirento onde por uns puxados quinhentos e sessenta reis obtemos uma cadeira para mais comodamente arruinar-mos a saude e a bolsa...

Antonio Cardoso.



## PERGUNTA-SE!

Porque é que a marquise do sr. Lemos nos está ameaçando com o desabar de algum vidro sobre a cabeça e dando a triste impressão de que em Barcelos se não olha pela estética e não ha quem possa obrigar o seu dono a pô-la decente?

— Porque é que o Teatro Gil Vicente se encontra no mais deploravel desleixo e no maior mar de porcaria, parecendo á primeira vista que aquilo é casa sem dono mas que, segundo se diz, tem á sua frente uma direcção que nada vê e nada manda?

— Porque é que havendo já agua canalizada e estando as ruas uns verdadeiros lamaçais, se não mandam lavar adaptando uma mangueira a qualquer boca de agua?

— Porque é que na instalação electrica se não olha a estética e se vão pôr os fios a cortar em diagonal as janelas de muitos predios, quando tudo isto se pode fazer em linha recta sem prejudicar edificios nem dar o pessimo espectáculo de zig-zagues tremendos que tão desagradavel impressão vão causar?

— Porque é que a comissão de subsistencias continua a deixar sair diariamente wagons de milho ao abrigo do tal *compromisso*, estando este cereal a subir de preço de dia para dia? Ou já não existe a comissão de subsistencias?

— Porque se varrem as ruas ás 10 e 11 horas da manhã, quando este serviço se podia fazer de madrugada e sem grande perigo para a hygiene publica?



## Noticiario

Orfeon do Porto

Simplemente magnifica a noite de domingo ultimo no nosso Gil Vicente!

A elite barcelense deliciou-se, ouvindo, com religiosa atenção, alguns trechos de musica de sublimes maestrinos e autenticos compositôres, que o «Orfeon do Porto» dirigido, guiado, conduzido e, por assim dizer, arrastado pela batuta magica e sugestiva do seu director Raul Casimiro, com tanta arte soube cantar!

Suavidade, mimo, sentimento, doçura, energia, força, certeza no ataque, harmonia celestial nos acordes, tudo, tudo se revelou nêsse grupo simpatico de artistas, que durante umas horas tanto nos encantou.

No estado em que o nosso espirito ficou, depois da audição das diversas composições executadas, não nos é possivel classificar qual delas a mais sublime.

Todas muito bem.

Do grupo dramatico que acompanhou o Orfeon apenas diremos que pôz em cêna regularmente a engraçada comedia «Um namorado em pancas», não nos atrevendo a desejar muito mais de artistas amadores como são os que o constituem.



## O Asilo de D. Pedro V, de Braga e a nossa patricia D. Tereza da Cunha

Os nossos colegas locais falaram já dos motivos que levaram esta nossa illustre patricia a deixar a direcção daquêlê estabelecimento de beneficencia.

Em leves traços, vamos, tambem, relatar o caso:

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Tereza da Cunha Soto Maior, vinha, desde ha anos, exercendo em Braga, o lugar de directora e administradora do Asilo D. Pedro V, no desempenho do qual sempre mereceu os melhores elogios, pela sua boa administração e pelos zelosos cuidados que prestava na educação das internadas.

Ultimamente a direcção do Asilo, nomeou uma senhora de Braga, para exercer o lugar de economista, com o vencimento anual de 200\$00, lugar que, segundo nos informam, não está previsto nos estatutos daquela casa de caridade.

Essa nomeação melindrou deveras a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Tereza da Cunha, por vêr que ela representava uma prova de menos confiança para a sua pessoa, sendo retirada, assim, sem motivo, da direcção economica do Asilo.

Daí resultou o pedir a sua demissão, gesto que prova as suas boas qualidades de sentimento e de caracter.

Procedeu briosamente s. ex.<sup>a</sup>. O seu pedido de demissão foi logo seguido por todo o corpo docente, o que evidencia o muito apreço e a grande consideração que aí tinham pela nossa illustre patricia.

Muito louvavel este gesto de solidariedade. Dizem-nos que concedida a demissão da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Tereza da Cunha e demais professoras, a direcção, já de noute, as fez sair do Asilo, tendo as mesmas de ir pedir agasalho a pessoas das suas relações intimas.

Isto, a ser verdade, não honra a direcção.

O nosso protesto, pois. E ás demissionarias as nossas admirações pela sua briosa attitude.



## Notas da semana

Aniversarios natalicio:s

Passam:

Hoje, o das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Armandina Passos Barros e D. Tereza das Dores Faria Duarte.

No dia 21, o do sr. Antonio da Cunha Guimarães.

No dia 22, o da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Rosa Calheiros Barreto.

No dia 26, o da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Cacilda Augusta Alvares Pereira e Lima.

Estiveram:

No Porto: os srs. Manoel Pereira Esteves e Arnaldo Azevedo.

Em Espozende: os srs. dr. Porfirio Antonio da Silva e dr. João Augusto d'Oliveira Pinto.

Em Viana do Castelo: o sr. Julio Cesar de Lima.

Em Barcelos: os srs. Visconde da Barrosa, José d'Azevedo Menezes, dr. Josué Trocado, Jeronimo Monteiro, João Duarte Veloso, Avelino Roriz Pereira, Eugenio Azevedo, José Barreto de Faria, Eugenio Ferreira, Abilio de Brito, Antonio Melo e Eduardo Segismundo Alvares Pereira e Lima.

Enfermo:

Esteve o sr. dr. José da Silva Monteiro.

Consortio

Realizou-se ontem o consorcio da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Purificação da Silva Correia, prenhada filha do sr. Zacarias Fernandes da Silva Correia, com o sr. Acacio Costa, acreditado negociante em Espozende.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades, desejamos muitas felicidades.



Morto

Vitima duma congestão cerebral, foi encontrado morto, na noite de terça feira, o artista funileiro, José Augusto Terroso.

Deixa viuva e dois filhos de tenra idade.



Seguros

A companhia de seguros «Atlantica», com séde no Porto, de que é correspondente nesta vila o nosso amigo sr. João de Sousa, acaba de crear novos ramos de seguro de grande utilidade e para os quais chamamos a atenção dos nossos leitores:

Contra o risco de *incendio*, segura predios (construidos ou em construção), egrejas, barracões de madeira, mobilias, estabelecimentos, padarias, armazens de farinhas,

fabricas de moagem, serração, cereais fóra das fabricas ou armazens, animais, etc., etc.

Contra o risco de roubo, segura mobílias, estabelecimentos, farmacias, vinhos, farinhas, alfaias religiosas, estancias de madeira, roupas, etc.

Contra o risco de greves ou tumultos, segura predios, estabelecimentos, farmacias, padarias, mercearias, vinhos, farinhas, mobílias, fabricas, estancias de madeira, cocheiras, teatros e salões cinematograficos, egrejas e capelas, etc.

## ANUNCIOS

### Banco de Barcelos

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

O dividendo de 3 por cento, ou 1\$50 por ação, pelo 2.º semestre de 1915, paga-se na séde deste Banco, e em casa dos ex.ºs srs. Manuel Pereira Pena & C., Praça de Carlos Alberto, Porto.

Barcelos, 14 de Fevereiro de 1916.

Pelo Banco de Barcelos

Os gerentes,

Domingos de Figueiredo  
João Carlos Vieira Ramos

### Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Barcelos e cartorio do escrivão do 3.º officio, bacharel Porfirio Antonio da Silva, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, citando os interessados José Inacio de Souza, viuvo e Antonio José Pereira de Souza, casado, da freguezia de Alvélos desta referida comarca, mas ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistirem, até final, aos termos do processo de inventario orfanologico, a que se procede por falecimento de seu pai João José Pereira de Souza, viuvo, morador, que foi, na predita freguezia de Alvélos, no qual é inventariante o filho Adelino José Pereira de Souza, casado, da mesma freguezia, ou constituirem advogado ou procurador na séde da comarca, que os represente, sob pena de revelia e do regular andamento do inventario até final conclusão.

Barcelos, 8 de Fevereiro de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Monteiro

O Escrivão,

Porfirio Antonio da Silva.

### Editos de 30 dias

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Barcelos e cartorio do escrivão do 5.º officio, Rocha Diniz, no processo de Ação de petição de herança, nos termos do art.º 414 e outros do Codigo do Processo Civil, promovida pelos autôres: 1) Antonio de Miranda Barros, viuvo; 2) Maria Rosa de Miranda Barros e marido João José Alves; 3) Tereza de Jesus Miranda Barros, solteira, maior; 4) Rosa Maria de Miranda Barros e marido Antonio Rodrigues Pereira; 5) Maria Rosa de Miranda Barros, solteira, maior; 6) Antonio de Miranda Barros, solteiro, maior; 7) Francisco José de Miranda Barros, solteiro, maior; 8) José de Miranda Barros, solteiro, menór pubere, mas representado por sua mãe Tereza de Jesus ou Tereza Rodrigues Cardoso, viuva de Manuel José de Miranda Barros; 9) Maria de Miranda Barros, solteira, menór pupubere; e irmã 10) Deolinda de Jesus Miranda, menór impubere, representadas por sua mãe Emilia de Jesus Gomes ou Emilia Rosa Gomes, viuva de Joaquim Antonio ou Joaquim José de Miranda Barros, todos da freguezia de Perelhal, desta comarca de Barcelos.—contra: 1) o agente do Ministerio Publico nesta comarca e tambem Curadôr dos Orfãos; 2) interessados incertos e 3) Francisco de Miranda Barros, natural da predita freguezia de Perelhal, mas ausente em parte incerta,—correm, respectivamente, editos de trinta dias e de seis mêzes, nos termos dos art.ºs 195 a 198 e 406 § 2.º do Codigo do Processo Civil, a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, citando os ditos interessados incertos e o referido ausente Francisco de Miranda Barros, (editos de trinta dias quanto aos incertos e de seis mêzes quanto ao ausente) para assistirem a todos os termos, até final, do referido processo de Ação de petição de herança, e para comparecerem na terceira audiencia deste Juizo, posterior á accusação das respectivas citações, ou até á

posterior á do ultimo citado, afim de contestarem, querendo, a referida ação e seus pedidos, ou deduzirem, por artigos, a sua habilitação, sob pena de revelia e de se proseguir nos ultteriores termos até final da mesma ação, na qual os autores pretendem que seja ela julgada procedente e provada, e por virtude dela julgar-se que: a) Francisco de Miranca Barros, o terceiro reu.—irmão, cunhado e tio dos autôres.—está ausente em parte incerta sem que dêle haja quaisquer noticias ha mais de trinta anos e, assim, que deva ser presumido morto para os efeitos legais e, designadamente, para o da sucessão legitima; b) que são os autôres os seus unicos e universais herdeiros, como seus irmãos (os autôres primeiro a quarto); como seus sobrinhos, filhos de seu irmão Manuel (os autôres quinto a oitavo); e tambem como seus sobrinhos, filhos de seu irmão Joaquim (as autôras nona e decima), devendo, assim, todos ser julgados e habilitados para suceder na herança de seu irmão e tio, aquêle Francisco de Miranda Barros, e consista no que consistir em qualquer Paiz, e, designadamente, nas legitimas paterna e materna a que se alude nos artigos 4.º a 7.º da referida ação.

(Em 7 de maio de 1899 finou-se José Antonio de Miranda Barros, pai e sogro e avô dos autôres, no estado de casado com Maria Cecilia de Miranda; e procedendo-se a inventario orfanologico, pelo catorio do 6.º officio desta comarca, aí foram descritos como filhos e herdeiros do inventariado os relacionados no artigo 1.º da ação; sendo que,—ao filho ausente Francisco de Miranda Barros,—o terceiro reu—foi aformaládo em quinhão o predio descrito sob numero trinta e um (a Bouça do Maire ou Moure, sita em Perelhal) e aí lhe foi nomeado para curadôr o irmão Antonio—o primeiro autôr: e, julgada a partilha, por sentença de 24 de abril de 1900, transitou

em julgado. Em 22 de janeiro de 1902 faleceu aquêla Maria Cecilia de Miranda—mãe, sogra e avô dos autôres, no estado de viuva daquêle inventariado; e procedendo-se tambem a inventario orfanologico por dependencia daquêle, aí foram descritos como seus filhos e herdeiros os indicados no artigo primeiro da ação: sendo que, ao filho ausente Francisco de Miranda Barros, o terceiro reu, foram adjudicados, em quinhão materno, e, em metade, os predios descritos sob numeros vinte e nove e quarentae cinco e paragrafos; mas depois, adjudicada a parte nêste na segunda autôra, que depositou o respectivo preço (243\$20) duzentos e quarenta e trez escudos e vinte centavos como consta do conhecimento do deposito numero desesseis mil sete centos e oitenta e seis, quantia existente na Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia; e, julgada a partilha por sentença de 27 de agosto de 1902, transitou em julgado:

Podendo os autôres de de tudo tomar conta e dispôr livremente, partilhando entre si êsses bens e quaisquer outros que haja ou venha a haver noticia; com custas consoante o direito.

As audieneias deste Juizo têm lugar todas as semanas, ás terças e sextas feiras, por 10 horas, no Tribunal Judiciario desta comarca, sito no largo Municipal desta vila de Barcelos, ou nos dias imediatos, á mesma hora, quando aquêles sejam feriados.

Barcelos, 10 de Fevereiro de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O escrivão do processo,

Julio Mendes da Rocha Diniz.

### «O CAVADO»

Publicações

Corpo do jornal.....	40	reis
Secção d'anuncios.....	30	»
Repetição .....	20	»
Comunicados .....	40	»

# CENTRO DE NOVIDADES



## Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

**Papelaria e objectos de escritorio:**—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

**Livraria:**—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais illustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

**Tabacaria:**—Tabacos nacionaes e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

**Perfumarias:**—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

**Postais illustrados:**—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Aluns para postais. Cromos.

**Tipografia e encadernação:**—Todos os trabalhos tipograficos — cartões de visita e de luto, rótulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

**Artigos diversos:**—Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borracha. Carteiras, bolsas, etc., etc.

**Generos especiais de alimentação:**—Chá e café. Cacaú, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

### Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

### Rio de Janeiro PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauna, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido se de especiais—simos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

### NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

## COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.  
Veludos inglezos e nacionais, sedas de côr e pretas lavradas para vestidos e blusas.  
Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.  
Flanelas, chitas, chales, cachenes, morins, panos crus, etc.  
Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.  
Casimiras de côr, diagonais, picotilhos e cheviotes.  
Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapeus e Guardasoes.

### Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

1.ª parte—O incendiario.  
2.ª parte—O grande industrial.  
3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

### A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64. 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoutos de Valongo e Pova.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

### BAZAR DO POVO

DE

## ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.